

COMPARAÇÃO DOS PREÇOS DE HORTALIÇAS NO VAREJO PAULISTANO, 1977-81

Lidia Hatue Ueno e Paulo Augusto Wiesel

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Agricultura e Abastecimento

Instituto de Economia Agrícola



**COMPARAÇÃO DOS PREÇOS DE HORTALIÇAS NO VAREJO
PAULISTANO, 1977-81**

Lidia Hatue Ueno
Paulo Augusto Wiesel

São Paulo
1984

ÍNDICE

1 - INTRODUÇÃO	1
2 - OBJETIVO	2
3 - MATERIAL E MÉTODO	3
4 - RESULTADO E DISCUSSÃO	3
5 - CONCLUSÃO	8
LITERATURA CITADA	9
RESUMO	10

Lidia Hatue Ueno
Paulo Augusto Wiesel

1 - INTRODUÇÃO

O processo de urbanização verificado nas últimas décadas e o crescimento do poder aquisitivo da população paulistana vêm acarretando sensível alteração nos hábitos quanto ao local de compra de produtos alimentícios.

Por outro lado, a maior participação da mulher no mercado de trabalho e o conseqüente aumento da renda familiar têm induzido ao desenvolvimento do comércio de alimentos mais elaborados e de melhor apresentação. A ampliação da rede de supermercados veio corresponder a essas necessidades da população, além de proporcionar maior facilidade de compras ou comodidades como acesso ou estacionamento.

Segundo IBGE (2), os equipamentos varejistas mais importantes no abastecimento de hortaliças são:

a) feira livre: mercado sem instalação fixa, de caráter periódico, caracterizado pela predominância de venda de gêneros alimentícios, principalmente hortigranjeiros. Sua política de venda, no geral, baseia-se na maximização do lucro, pela melhor interpretação dos gostos e preferências dos consumidores, decorrentes de maior contacto;

b) supermercado: estabelecimento que vende grande variedade de mercadorias - gêneros alimentícios e outros - geralmente pelo sistema de auto-serviço e de grande porte. Neste equipamento, operando em cadeia de lojas, com departamentos especializados, há centralização do planejamento de administração de vendas, isto é, o preço está em função da política geral de vendas da empresa e, por vezes, não necessariamente visando o máximo lucro com a venda de hortaliças;

(1) A versão preliminar desse trabalho foi apresentada no XXII Congresso Brasileiro de Olericultura, realizado em Vitória, ES, de 19 a 24 de julho de 1982. Os autores agradecem a Antonio Ambrósio Amaro, Alfredo Tsunehiro e Fernando Antonio de Almeida Séver pela leitura e sugestões.

c) quitanda: estabelecimento que vende predominantemente hortigranjeiros. Preponderam em áreas de periferia urbana, apresentam menor giro de mercadorias e menor eficiência na comercialização, admitindo vendas a crédito (cadernetas).

Segundo dados levantados pelo Instituto de Economia Agrícola em 1967 (9), 85,0% da população da Cidade de São Paulo abasteciam-se de legumes e verduras nas feiras livres, 7,0% em quitandas e 1,0% nos supermercados. Quanto à batata, 44,0% dos consumidores adquiriam-na em feiras livres, 27,0% em empórios, 4,0% em supermercados e 4,0% em mercearias.

A partir de dados não publicados da pesquisa realizada em 1971/72 pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE), na Cidade de São Paulo, elaborados no Instituto de Economia Agrícola tem-se que 83% dos gastos com hortaliças eram efetuados nas feiras livres, 10% em supermercados e 7% nas quitandas. Os percentuais de dispêndio com batata e cebola eram de, respectivamente, 47% e 45% nas feiras, 29% e 28% nos supermercados, 22% e 24% nas mercearias e 2% e 3% nas quitandas.

De acordo com dados de consumo do IBGE em 1974/75 (2), na área metropolitana de São Paulo 63,5% de legumes e verduras eram comprados nas feiras, 19,1% em supermercados, 9,8% em armazéns, 4,5% em estabelecimentos especializados e 3,1% dos vendedores ambulantes. Tubérculos e raízes eram adquiridos 48,4% em feiras, 25,0% em supermercados, 19,9% em armazéns, 3,6% de vendedores ambulantes e 3,0% em estabelecimentos especializados.

Em 1972, JUNQUEIRA et alii (4) apresentaram análise comparativa de preços de gêneros alimentícios, concluindo que nas feiras livres os produtos olerícolas foram vendidos a preços menores do que nos supermercados e nas quitandas, no período de maio de 1970 a abril de 1972.

Em 1981, UENO et alii (11) efetuaram estudos do comportamento dos preços de hortaliças a nível de varejo, na Capital paulista, relativos ao período de setembro de 1970 a outubro de 1977, e constataram que a feira era o equipamento varejista que vendia maior número de produtos hortícolas a preços mais baixos (15 dos 23 itens) em relação ao supermercado e à quitanda.

2 - OBJETIVO

Este estudo tem como objetivo a comparação dos preços das principais hortaliças a nível de varejo, na Cidade de São Paulo, visando detectar

o equipamento varejista que vendeu aos menores preços no período de 1977 a 1981, e também analisar a estrutura de comercialização desses produtos a nível de varejo.

3 - MATERIAL E MÉTODO

Os dados utilizados para a comparação de preços entre equipamentos foram os preços de 24 hortaliças a nível de varejo no período de julho de 1977 a junho de 1981, coletados pelo Instituto de Economia Agrícola.

Os preços foram deflacionados pelo Índice de Preços por Atacado (Gêneros Alimentícios, Coluna 6) da Fundação Getúlio Vargas, com base 1977 = 100.

O método usado foi a análise da variância e para a comparação dos preços médios dos equipamentos foi utilizado o teste de Duncan, conforme procedimento descrito por UENO et alii (11).

A fim de poder analisar a evolução do número de equipamentos varejistas que comercializam produtos hortícolas e face à inexistência desses dados oficiais em série, principalmente, para feiras livres, tentou-se organizar a série histórica de dados, extraindo-se as informações de vários estudos: (1), (3), (4), (5), (7), (8) e (9).

A maior parte dos dados referentes ao número de feirantes, lojas de supermercado e quitandas (1971 a 1982) foi obtida junto à Secretaria de Estados dos Negócios da Fazenda - Centro de Informações Econômico-Fiscais, São Paulo.

4 - RESULTADO E DISCUSSÃO

O modelo utilizado procurou testar a significância estatística dos efeitos do equipamento, do ano por equipamento e do mês como fonte das variações de preços, por produto.

Na análise pretendeu-se dar maior ênfase aos efeitos da variável equipamento, sendo omitida a apresentação dos resultados dos outros componentes do modelo, visto não ser de importância para este estudo.

No quadro 1, são relacionados os resultados do teste F das análises de variância para cada fonte de variação e para cada produto.

Os preços médios entre os equipamentos apresentaram-se estatisticamente diferentes ao nível de significância de 1% de probabilidade, para a maioria dos produtos, e ao nível de 5% de probabilidade para espinafre, cenoura, vagem manteiga e mandioca. Para agrião, couve, abobrinha italiana e cebola, não se observaram diferenças estatísticas significativas.

De forma geral, os preços médios nas feiras livres apresentaram-se estatisticamente semelhantes aos dos supermercados, ao nível de significância de 1% pelo teste de Duncan. Excetuam-se o almeirão, que apresentou menores cotações nos supermercados, e a beterraba, o tomate e a batata, para os quais as feiras livres apresentaram preços mais baixos (quadro 2).

A análise comparativa de preços de gêneros alimentícios efetuada em 1972, utilizando o teste de Tukey (4), mostrou que a feira livre era o equipamento que vendia os produtos hortícolas (legumes, verduras, tubérculos e bulbos no total de treze itens) aos menores preços comparativamente aos outros dois equipamentos, supermercados e quitanda. O mesmo não ocorria apenas com os preços de cebola.

O estudo realizado em 1978 utilizando o teste de Duncan (11) mostrou que, dentre 23 produtos olerícolas, os preços de 15 itens foram estatisticamente inferiores nas feiras em relação aos preços de supermercados e quitanda.

Quando comparados, os resultados dos mesmos produtos hortícolas nos dois trabalhos, realizados em 1972 (4) e 1978 (11), apesar de serem aplicados testes diferentes, mostraram-se semelhantes, excetuando-se apenas os casos da mandioca e repolho verde.

Ao se confrontar esses mesmos resultados com os obtidos neste estudo, constatou-se que apenas três produtos (batata, tomate e beterraba) persistiram com menores preços nas feiras. Para batata, a especialização por parte de feirantes, a maior rotatividade nos negócios (e, portanto, maior escala de operação) e a maior competição na comercialização desse produto na feira induzem este equipamento a manter preços menores do que os praticados nos supermercados.

Ao se analisar o comportamento da evolução do número de três equipamentos varejistas, que comercializam produtos hortícolas na Cidade de São Paulo, no período de 1967 a 1982, verificou-se significativa alteração na composição dos mesmos. Nesse período, o número de quitandas diminuiu à taxa geométrica média de 5,7% ao ano, o de feiras livres cresceu à taxa de 4,1% ao ano, enquanto o de supermercados apresentou expressivo incremento de 7,9% ao ano (quadro 3).

QUADRO 1. - Teste F da Análise de Variância de Preços Médios dos Equipamentos⁽¹⁾, Cidade de São Paulo, Julho/1977 a Junho/1981

Produto	Equipamento	Fonte de variação				
		Ano, por equipamento			Mês	Equipamento X Mês
		Feira	Supermercado	Quitanda		
Agrão	2,45 ns	5,10**	8,93**	5,95**	4,17**	0,19 ns
Alface crespa	11,25**	0,70 ns	3,07*	6,38**	1,46 ns	0,87 ns
Alface lisa	7,25**	0,59 ns	1,81 ns	5,11**	1,61 ns	0,80 ns
Almeirão	10,65**	13,78**	19,23**	17,41**	2,97**	0,13 ns
Couve	2,57 ns	11,47**	16,96**	17,34**	4,43**	0,22 ns
Escarola	14,44**	13,95**	18,34**	14,85**	1,81 ns	0,10 ns
Espinafre	2,59*	5,75**	8,65**	8,87**	7,14**	0,24 ns
Repolho	19,03**	6,96**	10,59**	6,85**	5,36**	0,25 ns
Abóbora	20,05**	26,27**	33,37**	14,34**	4,25**	0,61 ns
Abobrinha italiana	2,23 ns	1,82 ns	2,36 ns	1,17 ns	6,46**	0,06 ns
Beterraba	16,29**	3,01*	2,84*	1,77 ns	5,92**	0,40 ns
Berinjela	9,32**	5,95**	9,14**	7,53**	3,49**	0,06 ns
Cenoura	3,69*	2,68 ns	3,99**	2,63 ns	4,95**	0,08 ns
Chuchu	10,54**	3,38*	5,97**	3,35*	7,45**	0,17 ns
Mandioquinha	13,16**	16,59**	25,32**	17,17**	2,71**	0,14 ns
Pepino	8,87**	3,52*	5,25**	3,27*	4,57**	0,11 ns
Pimentão	5,04**	9,47**	9,99**	8,39**	7,12**	0,16 ns
Quiabo	5,27**	13,60**	11,10**	12,24**	14,30**	0,30 ns
Tomate	4,86**	3,82*	4,39**	2,14 ns	3,87**	0,06 ns
Vagem manteiga	4,17*	2,54 ns	5,70**	3,47*	4,47**	0,09 ns
Cebola	1,39 ns	6,46**	4,17**	5,44**	2,75**	0,05 ns
Batata	6,02**	8,28**	19,26**	16,76**	3,42**	3,44**
Batata doce	9,44**	30,12**	33,37**	24,88**	3,79**	0,41 ns
Mandioca	3,62*	10,92**	14,29**	12,18**	3,69**	0,76 ns

(¹) Feira, supermercado e quitanda.

** Significativo ao nível de 1% de probabilidade.

* Significativo ao nível de 5% de probabilidade.

ns Não Significativo.

Fonte: Dados da pesquisa.

QUADRO 2. - Situação dos Equipamentos⁽¹⁾ pelo Resultados dos Contrastes de Preços Médios no Varejo, Cidade de São Paulo, Julho de 1977 a Junho de 1981

Item	Situação comparativa
Verduras	
Agrião	$F = SM = \bar{Q}$
Couve	$F = SM = \bar{Q}$
Alface crespa	$F, SM < \bar{Q}; F = SM$
Alface lisa	$F, SM < \bar{Q}; F = SM$
Escarola	$F, SM < \bar{Q}; F = SM$
Repolho	$F, SM < \bar{Q}; F = SM$
Almeirão	$SM < F, \bar{Q}; F = \bar{Q}$
Espinafre ⁽²⁾	$F = SM; SM = \bar{Q}; F < \bar{Q}$
Legumes	
Abobrinha italiana	$F = SM = \bar{Q}$
Abóbora	$F, SM < \bar{Q}, F = SM$
Berinjela	$F, SM < \bar{Q}, F = SM$
Cenoura ⁽²⁾	$F, SM < \bar{Q}; F = SM$
Chuchu	$F, SM < \bar{Q}; F = SM$
Mandioquinha	$F, SM < \bar{Q}; F = SM$
Pepino	$F, SM < \bar{Q}; F = SM$
Pimentão	$F = SM; SM = \bar{Q}; F < \bar{Q}$
Quiabo	$F = SM; SM = \bar{Q}; F < \bar{Q}$
Vagem manteiga	$F = SM; SM = \bar{Q}; F < \bar{Q}$
Tomate	$F < SM; F = \bar{Q}; SM = \bar{Q}$
Beterraba ⁽²⁾	$F < \bar{Q} < SM$
Tubérculos e Bulbos	
Cebola	$F = SM = \bar{Q}$
Batata doce	$F, SM < \bar{Q}, F = SM$
Batata	$F < \bar{Q}, SM; \bar{Q} = SM$
Mandioca ⁽²⁾	$SM = F; F = \bar{Q}; SM < \bar{Q}$

⁽¹⁾ F = Preço médio de feira livre; SM = Preço médio de supermercado e \bar{Q} = Preço médio de quitanda.

⁽²⁾ Significância ao nível de 5% de probabilidade.

QUADRO 3. - Evolução do Número de Equipamentos Varejistas e Número de Feirantes com Vendas de Hortaliças na Cidade de São Paulo, 1967-82

Ano	Feira ⁽¹⁾	Feirante	Feirante de hortaliças	Feirante de batata, cebola e alho	Supermercado (nº de lojas)	Quitanda
1967	398(7) ⁽²⁾	...	2.885(7)	639(7)	274(9)	2.430(7)
1968	452(3)	12.675(3)	2.915	...	347(9)	...
1969	388(9)	12.500(9)	2.969(9)	1.079(9)	450(9)	...
1970	515(4)	12.700(4)	2.920(4)
1971	...	12.528 ⁽³⁾	469 ⁽³⁾	1.545 ⁽³⁾
1972	...	15.195 ⁽³⁾	544 ⁽³⁾	1.194 ⁽³⁾
1973	...	15.310 ⁽³⁾	629 ⁽³⁾	1.980 ⁽³⁾
1974	...	11.739 ⁽³⁾	645 ⁽³⁾	1.496 ⁽³⁾
1975	502(1)	11.326 ⁽³⁾	566 ⁽³⁾	1.382 ⁽³⁾
1976	...	11.991 ⁽³⁾	699 ⁽³⁾	1.378 ⁽³⁾
1977	563(5) ⁽⁴⁾	12.269 ⁽³⁾	2.964(5)	1.140(5)	710 ⁽³⁾	1.350 ⁽³⁾
1978	...	12.424 ⁽³⁾	692 ⁽³⁾	1.350 ⁽³⁾
1979	...	12.545 ⁽³⁾	705 ⁽³⁾	1.158 ⁽³⁾
1980	...	12.939 ⁽³⁾	795 ⁽³⁾	1.037 ⁽³⁾
1981	...	12.837 ⁽³⁾	721 ⁽³⁾	1.110 ⁽³⁾
1982	728(8) ⁽⁵⁾	13.311 ⁽³⁾	3.672(8)	2.000(8)	860 ⁽³⁾	1.004 ⁽³⁾

(¹) Por semana.

(²) Com 353 em funcionamento.

(³) Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda - Centro de Informações Econômico-Fiscais, São Paulo. Dados não publicados.

(⁴) Com 478 em funcionamento.

(⁵) Com 628 em funcionamento.

Apesar do relativo crescimento do número de feiras, o total do número de feirantes registrou taxa de aumento pouco significativa, de 0,4% ao ano, no período de 1968 a 1982. O número de feirantes especializados em legumes e verduras cresceu anualmente 1,6%, e o de batata, cebola e alho 7,6% nos anos de 1967 a 1982.

5 - CONCLUSÃO

A expansão do sistema de auto-serviço trouxe maior concorrência para o comércio varejista de produtos olerícolas na Capital paulista resultando em possível mudança na estrutura de comercialização do setor (6), (10).

A diminuição acentuada no número de quitandas verificou-se, possivelmente, pela não resistência à competição com outros equipamentos, principalmente supermercados e feiras instaladas na periferia da Cidade de São Paulo.

A partir de 1969, concomitantemente ao aumento do número de supermercados, foi iniciado o remanejamento das feiras da Capital, visando-se reduzir o número excessivo de unidades que vendiam os mesmos produtos em cada feira e ampliando o número de feiras livres, procurando-se atingir áreas populacionais que, até então, não dispunham desse tipo de equipamento.

Outrossim, nos últimos anos, verificaram-se algumas mudanças na conduta de comercialização dos supermercados (6), (10) que passaram a comprar os produtos olerícolas em grande escala a preços menores, às vezes até diretamente dos produtores, permitindo-lhes colocar esses produtos a nível de preços semelhante ao praticado nas feiras. Essa conduta tem permitido aos supermercados utilizar uma política de vendas em que os produtos hortícolas entram como "chamariz" para seus clientes, na medida em que maiores lucros podem ser obtidos em outros setores. Este estudo, por outro lado, não permitiu verificar se houve melhora na eficiência-preço desse equipamento ao longo do tempo ou entre equipamentos.

A tendência de curto prazo do comércio de produtos hortícolas a nível de varejo é a coexistência desses dois principais equipamentos, tendo em conta que as feiras ainda propiciam maior capilarização do comércio de legumes e verduras, atingindo a zona periférica da Cidade de São Paulo e conseguem apresentar produtos mais frescos, aparentemente de melhor qualidade, devido à rápida rotação do volume relativamente pequeno comercializado por unidade de firma.

LITERATURA CITADA

1. BARROS, M.S. et alii. Mercado varejista de gêneros alimentícios da grande São Paulo: uma abordagem estrutural. São Paulo, Secretaria da Agricultura, IEA, 1978. 52p. (Relatório de Pesquisa, 3/78)
2. FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Estudo nacional da despesa familiar: consumo alimentar - antropometria - dados preliminares - São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo. Rio de Janeiro, 1977. 110p.
3. GUIMARÃES, O. O papel das feiras livres no abastecimento da Cidade de São Paulo. São Paulo, USP/Instituto de Geografia, 1969. 96p. (Tese M.S.)
4. JUNQUEIRA, P.C.; LAZZARINI, M.I.; CANTO, W.L. Análise comparativa de preços de varejo de gêneros alimentícios na capital de São Paulo. Agricultura em São Paulo, SP, 19 (2):113-165, 1972.
5. PINTO, G.O. As feiras livres no contexto do abastecimento do município de São Paulo. São Paulo, Federação do Comércio do Estado de São Paulo, s.d. 28p.
6. PIZA, C.T. & WELSH, R.W. Introdução à análise da comercialização. Piracicaba, Universidade de São Paulo, ESALQ, 1968. 26p. (Série Apostila, 10)
7. SÃO PAULO. Prefeitura Municipal & Secretaria de Abastecimento. O abastecimento de gêneros alimentícios na área urbana do município de São Paulo. São Paulo, 1967. v.2.
8. SÃO PAULO. Prefeitura Municipal. O setor abastecimento no município de São Paulo: considerações sobre a oferta de equipamentos públicos e privados. São Paulo, 1982.
9. SÃO PAULO. Secretaria da Agricultura, IEA. Desenvolvimento da agricultura paulista. São Paulo, 1972. 319p.
10. STEELE, H.L.; VERA Filho, F.; WELSH, R.S. Comercialização agrícola, São Paulo, Ed. Atlas S/A, 1971. p.391-394.
11. UENO, L.H.; AMARO, A.A.; BORTOLETO, E.E. Variação de preços das hortaliças a nível de varejo na Cidade de São Paulo. São Paulo, Secretaria de Agricultura e Abastecimento, IEA, 1981. 61p. (Relatório de Pesquisa, 10)

RESUMO

Procurou-se comparar os preços das principais hortaliças a nível de varejo, determinando o equipamento varejista que vendeu aos menores preços, no período de 1977 a 1981.

Quando confrontados os resultados deste trabalho com aqueles obtidos nos estudos efetuados em 1972 e 1978, observou-se uma possível mudança na estrutura de comercialização do setor. No período anterior para quase a maioria dos produtos em análise constatou-se venda de produtos olerícolas a menores preços em feiras e o presente estudo com poucas exceções mostrou diferenças estatisticamente não significativas entre os preços praticados nas feiras e nos supermercados.

SECRETARIA DE AGRICULTURA E ABASTECIMENTO
INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA

Comissão Editorial:

Coordenador: José Roberto Viana de Camargo

Membros: Antonio Augusto Botelho Junqueira

Celuta Moreira Cesar Machado

Elcio Umberto Gatti

Flavio Condé de Carvalho

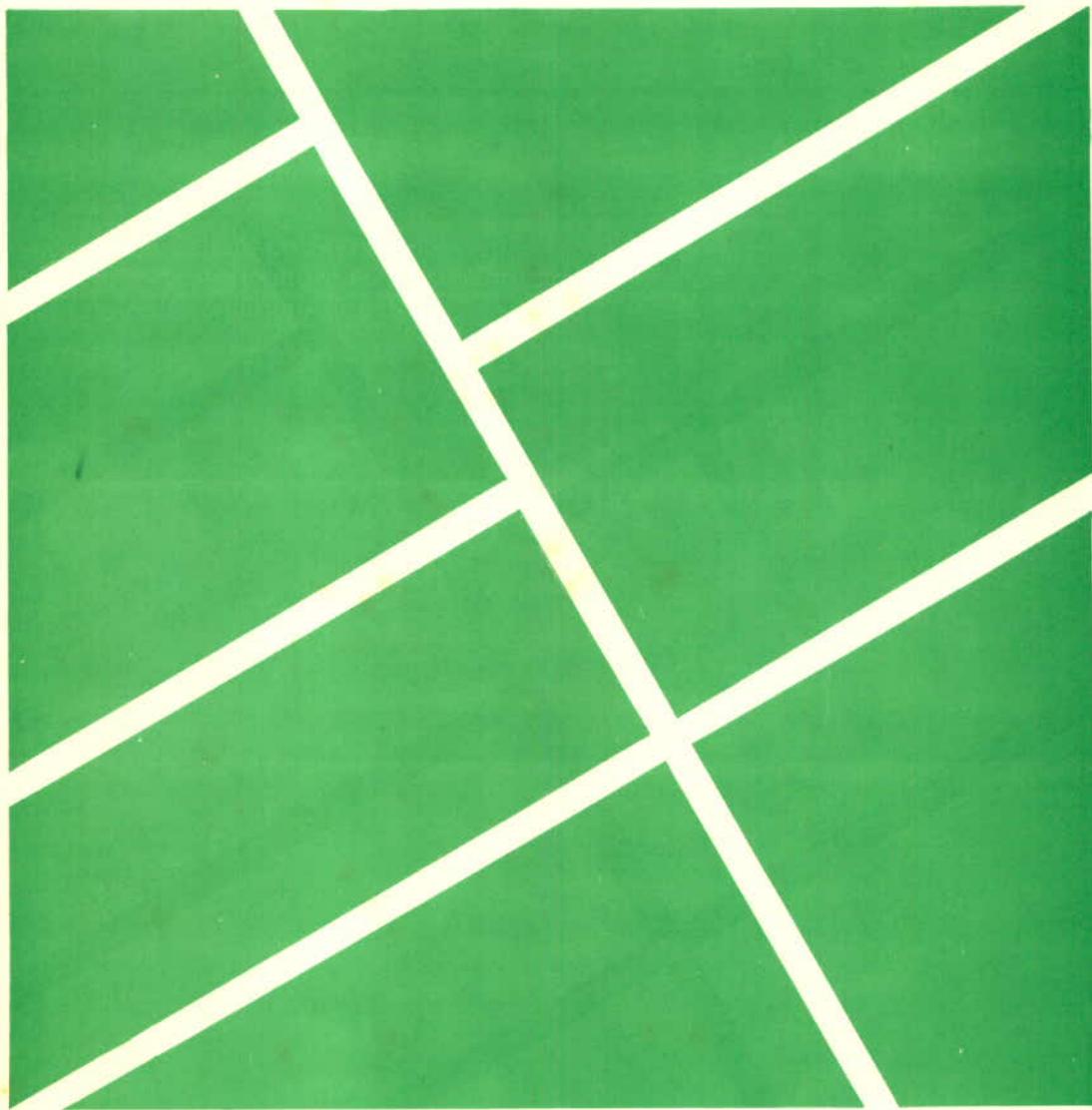
José Luis Teixeira Marques Vieira

Rosa Maria Pescarim Pellegrini

Bibliografia: Fátima Maria Martins Saldanha Faria

Centro Estadual da Agricultura
Av. Miguel Estéfano, 3900
04301 - São Paulo - SP

Caixa Postal, 8114
01000 - São Paulo - SP
Telefone: 275-3433 r. 257



Relatório de Pesquisa
Nº 3/84

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Agricultura e Abastecimento
Instituto de Economia Agrícola